


## PERFIL, OCORRÊNCIA E TENDÊNCIA TEMPORAL DA VIOLÊNCIA FÍSICA E SEXUAL CONTRA O SEXO FEMININO, EM PORTO NACIONAL-TO, 2013 A 2022

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-275>

Data de submissão: 17/11/2024

Data de publicação: 17/12/2024

**Gabriel Jhomilson Rodrigues Coelho**

Graduando em Medicina

ITPAC – Porto Nacional

LATTES: <https://lattes.cnpq.br/9854026393754319>

**Sthefany Macedo Lopo**

Graduando em Medicina

ITPAC – Porto Nacional

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5894054857122831>

**Joel Ribamar de Freitas Lunguinho**

Graduando em Medicina

ITPAC – Porto Nacional

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6817764374103890>

**Gabriel Rosa Leão**

Graduando em Medicina

ITPAC – Porto Nacional

LATTES: <https://lattes.cnpq.br/2964712262917981>

**Pedro Josefino Custódio de Araújo**

Graduando em Medicina

ITPAC – Porto Nacional

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0540441524635355>

**Eliane Patrícia Lino Pereira Franchi**

Doutorado em Doenças Tropicais

ITPAC – Porto Nacional

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5843076554127595>

### RESUMO

**Introdução:** Este estudo investiga a violência física e sexual contra mulheres no município de Porto Nacional-TO entre 2013 e 2022, abordando aspectos epidemiológicos e determinantes sociais envolvidos. A violência contra mulheres, especialmente em contextos domésticos e relacionamentos íntimos, é uma violação de direitos humanos e uma questão de saúde pública, cujas consequências afetam amplamente a sociedade. A análise desta violência na região visa fornecer dados relevantes para políticas públicas que busquem reduzir tais ocorrências. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico ecológico, utilizando dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e obtidos do DATASUS para todas as ocorrências notificadas em Porto Nacional-TO. Foram incluídos casos de violência física e sexual contra o sexo feminino, sendo excluídos registros com informações incompletas. A análise das taxas de incidência e tendências foi realizada no software

Stata®18, aplicando o método de Prais-Winsten para estimar a variação percentual anual e as tendências temporais das taxas de violência. Resultados: A análise revelou maior prevalência de violência física em mulheres de 20 a 39 anos e de violência sexual em adolescentes de 10 a 19 anos. Mulheres que se identificaram como pardas foram as mais afetadas em todas as formas de violência. A violência ocorreu predominantemente no ambiente doméstico, e houve um aumento significativo de casos durante o período da pandemia de COVID-19, com um pico de incidência de violência física em 2020. O estudo também indicou que o uso de álcool esteve associado a uma parcela considerável das agressões físicas. Discussão: Os resultados confirmam uma tendência crescente de violência física entre mulheres jovens e adultas, destacando a residência como o local principal para esses atos. Comparações com outros estudos sugerem que as características observadas em Porto Nacional são consistentes com dinâmicas de violência encontradas em outras regiões brasileiras, especialmente quanto à vulnerabilidade de mulheres em contextos socioeconômicos desfavorecidos. Conclusão: As altas taxas de violência física e sexual, especialmente entre jovens e mulheres de raça parda, apontam para a necessidade de políticas públicas focadas em prevenção e assistência, principalmente em momentos de crise social. É fundamental fortalecer as ações de monitoramento e enfrentamento à violência de gênero para garantir maior segurança e proteção às mulheres.

**Palavras-chave:** Violência de Gênero. COVID-19. Violência Sexual. Agressão Física.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao analisar a origem da palavra "violência" etimologicamente, observamos que, em sua acepção original, não possuía necessariamente um sentido prejudicial. Remonta ao latim "violentia", que denota a ideia de força, caráter bravo. Com o decorrer do tempo, o termo evoluiu para expressar de maneira evidente o conceito de profanação, denotando a transgressão de algo ou alguém (Paneque; Guimaraes, 2022).

Uma tipologia da violência categoriza a definição geral em grandes tipos, levando em consideração a relação estabelecida entre a vítima e o perpetrador. A violência autodirigida envolve situações em que o agressor e a vítima são a mesma pessoa, abrangendo desde a automutilação até o suicídio. A violência coletiva refere-se a conflitos armados, sendo utilizada por membros de um grupo contra outro grupo ou comunidade, podendo ter motivações sociais, políticas ou econômicas. Por fim, a violência interpessoal ocorre entre indivíduos nos contextos familiar e comunitário. A violência familiar, geralmente ocorrendo em casa, inclui maus-tratos a crianças, violência entre parceiros íntimos e abuso a idosos. Já a violência comunitária ocorre entre indivíduos que podem ou não se conhecer, mas que não possuem laços familiares (OMS; Krug, 2002).

A arraigada cultura de subordinação da mulher ao homem, considerando-a como uma propriedade inalienável e eterna, corresponde a um fator para a perpetuação da violência contra a mulher. A facilidade com que os réus conseguem escapar pelos meandros dos procedimentos judiciais, somada à pouca importância que as instituições do Estado atribuem à denúncia e julgamento dos crimes contra mulheres e meninas, também figura como elemento crucial nessa persistência (Blay, 2003).

Entre os tipos de violência que acometeram as mulheres nos últimos 20 anos, destacam-se as discriminações e as violências físicas, psicológicas, econômicas e sexuais. Assim também, o tráfico sexual de meninas e mulheres configura uma das mais persistentes violações dos direitos e da dignidade de mulheres. Determinadas mulheres sofrem, ainda, com violências específicas, resultantes da interação da condição de gênero com outras variáveis, como indígena, negra, migrante, pobre ou residente de comunidade rural remota (Engel, 2020).

A Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres busca um enfoque amplo e articulado no combate à violência de gênero, englobando a colaboração entre setores como saúde, segurança pública, justiça, educação e assistência social. Esse enfrentamento propõe ações voltadas à desconstrução das desigualdades e discriminações de gênero, além de combater os padrões sexistas e machistas que persistem na sociedade brasileira. A política também visa promover o empoderamento feminino e garantir um atendimento humanizado e qualificado para mulheres em situação de violência,

abordando assim a complexidade do problema em suas múltiplas dimensões (De Matos Lessa; Da Silva, 2018).

O presente estudo tem por objetivo identificar aspectos da violência física e sexual contra o sexo feminino, no município de Porto Nacional - TO, e nos limites temporais de 2013 a 2022, de forma a contribuir para a edificação de fundamentos científicos, mediante pesquisa original, para promoção de saúde pública, prevenção e notificação de agravos com eficiência e embasamento, especialmente no que diz respeito à saúde da mulher na região de estudo.

## **2 METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo epidemiológico do tipo ecológico, cujo levantamento ocorreu por meio do aplicativo TABNET (tabulador) do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Em estudos ecológicos, analisa-se a relação entre a ocorrência de uma doença/condição de saúde e a exposição de interesse em grupos populacionais, como países, regiões ou municípios. Essa abordagem permite identificar associações coletivas, considerando que a expressão do fenômeno pode variar na coletividade em relação às partes individuais (Lima-Costa; Barreto, 2003).

A pesquisa foi conduzida no município de Porto Nacional-TO, localizado na região central do estado do Tocantins, Brasil. A microrregião de Porto Nacional possui uma área total de 21.197,989 km<sup>2</sup>, composta pelos municípios Aparecida do Rio Negro, Bom Jesus do Tocantins, Ipueiras, Lajeado, Monte do Carmo, Palmas, Pedro Afonso, Porto Nacional, Santa Maria do Tocantins, Silvanópolis e Tocantínia. Conforme o último censo de 2022 do IBGE, a população era de 64.418 habitantes e a densidade demográfica era de 14,53 habitantes por quilômetro quadrado (IBGE, 2022).

A população deste estudo inclui todos os casos notificados de violência física e sexual, contra o sexo feminino, notificados no município de Porto Nacional-TO, no período de 2013 a 2022, disponíveis no DATASUS. Foram excluídos os casos notificados e com dados/variáveis incompletos, com mais de 50% de ignorados/brancos. Para análise, foram utilizadas nesse estudo as variáveis sociodemográficas: ano de ocorrência, faixa etária, raça/cor, escolaridade, local de ocorrência, lesão autoprovocada, suspeita de uso de álcool, uso de arma de fogo, tipos de violência (violência física e violência sexual) e outras características da violência (violência de repetição e evolução do caso).

Os dados relativos às violências físicas e sexuais, em residentes de Porto Nacional – TO, foram obtidos do Sistema de Vigilância Epidemiológica de Violências e Acidentes (VIVA), registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Os dados dos casos notificados foram extraídos na Ficha de Notificação/Investigação Pessoal de Violência Doméstica/intrafamiliar, Sexual,

Autoprovocada e/ou Outras Violências Interpessoais, servindo como documento oficial para o registro de informações relacionadas a casos de violência.

Foi utilizado o software Excel para calcular as frequências absolutas e relativas das variáveis e para calcular as taxas de incidência da violência física e sexual, contra o sexo feminino. As taxas foram calculadas por ano, considerando o número absoluto de casos no numerador e a população no denominador, com fator de multiplicação por 100.000 habitantes. A população geral do município de Porto Nacional, assim como a população por sexo e faixa etária foi obtida no site eletrônico do IBGE (projeção da população de 2000 a 2060). As frequências referentes a dado “ignorado”, “branco” e/ou “não se aplica” não foram incluídas para serem avaliadas pelo numerador.

Para analisar a tendência temporal das taxas de incidência dos casos de violência física e sexual em questão foi utilizado o software Stata®18, sendo as taxas, primeiramente, transformadas em logaritmos (log10), buscando a estabilizar a variância ao longo do tempo (ANTUNES; CARDOSO, 2015). O método de autorregressão Prais-Winsten foi utilizado para classificar a tendência temporal da incidência da violência interpessoal/autoprovocada em crescente, decrescente ou estacionária e, foi calculada a porcentagem de variação anual média (APC – Annual Percent Change). Os respectivos intervalos de confiança de 95% (IC 95%) e o p-valor ( $\leq 0,05$ ) foram considerados (ANTUNES; CARDOSO, 2015).

### 3 RESULTADOS

Conforme a Tabela 1, no que diz respeito à faixa etária, a maior frequência de violência sexual foi entre meninas e mulheres de 10 a 19 anos, com 288 casos (56,36%) de violência sexual e 34 casos (43,58%) de violência física e sexual combinadas. A faixa etária de 20 a 39 anos foi a mais afetada pela violência física, com 403 casos (48,2%). As mulheres que se identificaram como pardas foram as mais afetadas por todos os tipos de violência. Elas representaram 85,26% dos casos de violência física, 79,07% dos casos de violência sexual, e 83,33% dos casos de violência física e sexual combinadas.

Tabela 1 – Frequências absolutas e relativas dos casos notificados de violência física, sexual e ambas, no sexo feminino, em Porto Nacional – Tocantins, de 2013 a 2022.

Características	Violência física n (%)	Violência sexual n (%)	Violência física e sexual n (%)
Ano			
2013	57 (6,83)	14 (2,81)	4 (5,12)
2014	68 (8,15)	35 (7,04)	7 (8,97)
2015	70 (8,39)	47 (9,45)	9 (11,53)
2016	80 (9,59)	50 (10,06)	4 (5,12)
2017	97 (11,63)	64 (12,87)	14 (17,94)

2018	79 (9,47)	59 (11,87)	11 (14,1)
2019	89 (10,67)	68 (13,68)	8 (10,25)
2020	111 (13,3)	66 (13,27)	6 (7,69)
2021	88 (10,55)	41 (8,24)	11 (14,1)
2022	95 (11,39)	53 (10,66)	4 (5,12)
<b>Faixa etária</b>			
Menor que 1	11 (1,31)	10 (1,95)	2 (2,56)
1 a 4 anos	17 (2,03)	58 (11,35)	7 (8,97)
5 a 9 anos	28 (3,34)	99 (19,37)	18 (23,07)
10 a 19 anos	241 (28,82)	288 (56,36)	34 (43,58)
20 a 39 anos	403 (48,2)	45 (8,8)	14 (17,94)
40 a 59 anos	121 (14,47)	9 (1,76)	2 (2,56)
Mais de 60	15 (1,79)	2 (0,39)	1 (1,28)
<b>Raça/cor</b>			
Ign/branco	20 (2,39)	14 (2,81)	1 (1,28)
Branca	45 (5,38)	38 (7,64)	6 (7,69)
Preta	50 (5,98)	42 (8,45)	4 (5,12)
Amarela	7 (0,83)	7 (1,4)	2 (2,56)
Parda	712 (85,26)	393 (79,07)	65 (83,33)
Indígena	1 (0,11)	3 (0,6)	0 (0)
<b>Escolaridade</b>			
Ign/branco	351 (42,13)	74 (14,88)	11 (14,1)
Analfabeto	7 (0,84)	2 (0,4)	0 (0)
1º a 4º série incompleta do EF	47 (5,64)	49 (9,85)	7 (8,97)
4º série completa do EF	11 (1,32)	18 (3,62)	3 (3,84)
5º ao 8º série incompleta do EF	119 (14,28)	147 (29,57)	18 (23,07)
EF completo	23 (2,76)	29 (5,83)	2 (2,56)
EM incompleto	92 (11,04)	39 (7,84)	11 (14,1)
EM completo	96 (11,52)	14 (2,81)	2 (2,56)
ES incompleta	23 (2,76)	15 (3,01)	6 (7,69)
ES completo	22 (2,64)	10 (2,01)	3 (3,84)
Não se aplica	42 (5,04)	100 (20,12)	15 (19,23)
<b>Local de ocorrência:</b>			
Ign/Branco	117 (13,96)	35 (6,83)	2 (2,56)
Residência	553 (65,99)	384 (75)	52 (66,66)
Habitação Coletiva	5 (0,59)	2 (0,39)	0 (0)
Escola	12 (1,43)	13 (2,53)	4 (5,12)
Local de pratica esportiva	1 (0,11)	0 (0)	0 (0)
Bar ou Similar	42 (5,01)	5 (0,97)	0 (0)
Via pública	77 (9,18)	29 (5,66)	10 (12,82)
Comércio/Serviços	2 (0,23)	3 (0,58)	0 (0)
Indústrias/construção	0 (0)	0 (0)	0 (0)
Outros	29 (3,46)	41 (8)	10 (12,82)
<b>Violência de repetição</b>			
Ign/Branco	198 (23,74)	355 (20,93)	355 (20,93)
Sim	259 (31,05)	681 (40,15)	681 (40,15)
Não	377 (45,2)	660 (38,91)	660 (38,91)
<b>Suspeita uso de Álcool</b>			
Sim	274 (32,85)	82 (16,49)	22 (28,2)
<b>Uso de arma de fogo</b>			
Ign/Branco	14 (1,67)	22 (4,42)	3 (3,84)
Sim	33 (3,95)	6 (1,2)	1 (1,28)
Não	787 (94,36)	469 (94,36)	74 (94,87)
<b>Lesão Autoprovocada</b>			

Ignorado/branco	51 (6,08)	-	-
Sim	176 (21)	-	-
Não	611 (72,91)	-	-

n – Número de casos. % - frequência relativa em porcentagem./Fonte: Próprio dos autores (2024).

A maior parte das vítimas relatou escolaridade incompleta, sendo 29,57% dos casos de violência sexual entre vítimas com ensino fundamental incompleto, e 11,04% dos casos de violência física entre vítimas com ensino médio incompleto. Além disso, 42,13% das vítimas de violência física e 14,88% de violência sexual, não tiveram escolaridade especificada ou foi colocada como "ignorada". A residência foi o principal local de violência, correspondendo a 65,99% dos casos de violência física, 75% dos casos de violência sexual e 66,66% dos casos de violência física e sexual. Também houve notificação relevante em vias públicas, que somaram 9,18% dos casos de violência física.

Houve repetição de violência em 31,05% dos casos de violência física e em 40,15% dos casos de violência sexual, o que pode indicar persistência do abuso ao longo do tempo. O ano com maior número de casos notificados de violência física foi 2020 (111 casos, 13,31%). Para a violência sexual, 2019 representou o pico, com 67 casos (13,68%). A suspeita de uso do álcool foi mais frequente em casos de violência física, em 32,85% dos casos, em relação aos demais tipos de violência. Quanto ao uso de arma de fogo, não foram identificadas associações em mais de 94% dos casos, para todos os tipos de violência. Não houve lesão autoprovocada em 72,91% dos casos de violência física.

A Tabela 2 demonstra a maior incidência de violência física, contra o sexo feminino, em relação à sexual e à física e sexual, no período dos últimos 10 anos, sendo a maior incidência no ano de 2020 (41,31%), com o início do período de pandemia por COVID-19. Com relação à violência sexual, o ano de 2019 obteve a maior incidência (25,09%) dos últimos 10 anos. O ano de 2017 registrou a maior incidência (5,31%) de violência física e sexual entre o período de estudo.

Tabela 2 – Taxas de incidência de violência física, sexual e ambas, no sexo feminino, em Porto Nacional – Tocantins, de 2013 a 2022.

Ano	Violência física (n)	Violência sexual (n)	Violência física e sexual (n)	População feminina	Incidência violência física*	Incidência violência sexual*	Incidência violência física e sexual*
2013	57	14	4	25666	22,21	5,45	1,56
2014	68	35	7	25839	26,32	13,55	2,71
2015	70	47	9	26018	26,90	18,06	3,46
2016	80	50	4	26191	30,54	19,09	1,53
2017	97	64	14	26357	36,80	24,28	5,31
2018	78	59	11	26528	29,40	22,24	4,15
2019	89	67	8	26699	33,33	25,09	3,00
2020	111	66	6	26869	41,31	24,56	2,23
2021	88	41	11	27039	32,55	15,16	4,07



2022	95	53	4	32460	29,27	16,33	1,23
Total	833	496	78	-	M: 30,86	M: 18,38	M: 2,92

n – Número de casos. \* Incidência a cada 10.000 habitantes. M – média./Fonte: Próprio dos autores (2024).

A Tabela 3 destaca que, no que tange à violência física, os maiores índices foram observados na faixa etária de 10 a 19 anos, especialmente em 2017 (68,45%) e 2020 (65,88%), evidenciando a maior vulnerabilidade desse grupo. Em relação à violência sexual, a faixa etária de 10 a 19 anos também se destacou, com a maior taxa registrada em 2019 (104,68%), seguida por 2020 (88,60%). A violência física e sexual combinada teve suas maiores incidências em 2021, na faixa de 10 a 19 anos (9,19%).

Tabela 3 – Taxas de incidência de violência física, sexual e ambas, no sexo feminino, por faixas etárias, em Porto Nacional – Tocantins, de 2013 a 2022.

Ano	0 a 4 anos	5 a 9 anos	10 a 19 anos	20 a 39 anos	40 a 59 anos	60 anos e mais
<b>Violência física</b>						
2013	4,80	0,00	28,17	34,95	15,86	12,12
2014	0,00	9,09	47,02	38,02	13,49	7,83
2015	4,87	4,62	43,70	41,08	14,96	7,58
2016	19,75	28,25	37,91	49,61	10,91	3,67
2017	15,00	28,61	68,45	46,12	22,95	3,55
2018	20,00	24,15	39,26	43,82	17,13	3,44
2019	10,04	0,00	64,59	47,00	23,29	3,33
2020	35,37	9,78	65,88	54,66	33,96	6,43
2021	25,23	9,91	68,93	38,43	25,14	0,00
2022	3,96	11,37	52,02	43,68	21,66	5,10
<b>Violência sexual</b>						
2013	9,60	17,98	16,10	0,00	0,00	0,00
2014	4,85	40,89	36,79	7,83	0,00	0,00
2015	24,33	46,19	60,34	3,33	0,00	0,00
2016	24,69	18,83	75,82	5,51	0,00	0,00
2017	35,00	85,84	49,20	12,08	5,30	7,11
2018	55,00	57,97	61,07	8,76	0,00	0,00
2019	40,16	24,39	104,68	3,28	6,65	0,00
2020	40,42	78,20	88,60	3,28	0,00	0,00
2021	40,36	19,81	59,74	2,20	1,57	0,00
2022	43,53	37,91	58,02	2,85	0,00	0,00
<b>Violência física e sexual</b>						
2013	4,80	0,00	6,04	0,00	0,00	0,00
2014	0,00	4,54	4,09	4,47	0,00	0,00
2015	4,87	4,62	10,40	2,22	0,00	0,00
2016	0,00	4,71	6,32	0,00	0,00	0,00
2017	0,00	19,07	12,83	3,29	0,00	3,55
2018	10,00	24,15	2,18	3,29	0,00	0,00
2019	0,00	0,00	11,14	1,09	3,33	0,00
2020	5,05	9,78	6,82	0,00	0,00	0,00
2021	20,18	9,91	9,19	1,10	0,00	0,00
2022	0,00	7,58	4,00	0,00	0,00	0,00

Fonte: Próprio dos autores (2024).



A Tabela 4 mostrou um aumento significativo da violência física nas faixas etárias de 10 a 19 anos (APC de 7,09%) e 40 a 59 anos (APC de 9,03%). Em termos de violência sexual, houve um crescimento expressivo na faixa de 0 a 4 anos (APC de 21,6%). A violência física e sexual combinada, no entanto, não apresentou variações significativas durante o período.

Tabela 4: Análise de tendência para as taxas de incidência de violência física, sexual e ambas, no sexo feminino, e por faixas etárias, Porto Nacional - Tocantins 2013-2022.

Tipo de taxa	APC	Intervalo de confiança de 95%	Interpretação da tendência	p-valor
Taxa de violência física	1136,23	-16,77 a 18269,95	estacionária	0,06
Faixa etária até 4 anos	22,75	-8,63 a 64,9	estacionária	0,148
Faixa etária 5-9 anos	12,16	-22,81 a 63	estacionária	0,499
Faixa etária 10-19 anos	7,09	3,88 a 10,39	crescente	0,001*
Faixa etária 20-39 anos	2,04	-1,39 a 5,59	estacionária	0,210
Faixa etária 40-59 anos	9,03	3,5 a 14,86	crescente	0,005*
Faixa etária 60 anos ou +	-17,86	-23,9 a -11,35	decrecente	0,000*
Taxa de violência sexual	10,14	-4,37 a 26,86	estacionária	0,154
Faixa etária até 4 anos	21,6	5,29 a 40,43	crescente	0,014*
Faixa etária 5-9 anos	1,66	-8,3 a 12,71	estacionária	0,722
Faixa etária 10-19 anos	12,5	-1,65 a 28,68	estacionária	0,078
Faixa etária 20-39 anos	3,24	-19,2 a 31,91	estacionária	0,772
Faixa etária 40-59 anos	10,84	-5,52 a 30,05	estacionária	0,176
Faixa etária 60 anos ou +	-1,71	-19,95 a 20,7	estacionária	0,851
Taxa de violência sexual e física	0,77	-8,23 a 10,66	estacionária	0,854
Faixa etária até 4 anos	14,67	-8,15 a 43,16	estacionária	0,193
Faixa etária 5-9 anos	16,19	-12,65 a 54,56	estacionária	0,260
Faixa etária 10-19 anos	1,17	-6,25 a 9,195	estacionária	0,733
Faixa etária 20-39 anos	-9,76	-25,1 a 8,71	estacionária	0,239
Faixa etária 40-59 anos	3,84	-9,65 a 19,37	estacionária	0,549
Faixa etária 60 anos ou +	-1,26	-15,16 a 14,9	estacionária	0,851

\* significante estatisticamente./Fonte: Próprio dos autores (2024).

A Tabela 5 revelou que a violência física teve o maior aumento na faixa etária de 0 a 4 anos, com uma APC de 50,45%, e na faixa de 10 a 19 anos, com uma APC de 8,54%. A violência sexual também apresentou um crescimento significativo na faixa de 0 a 4 anos (APC de 33,44%), enquanto a violência física e sexual combinada não mostrou variações expressivas ao longo do período.

Tabela 5: Análise de tendência para as taxas de incidência de violência física, sexual e ambas, no sexo feminino, e por faixas etárias, Porto Nacional - Tocantins, 2013-2020.

Tipo de taxa	APC	Intervalo de confiança de 95%	Interpretação da tendência	p-valor
Taxa de violência física	7,08	3,64 a 10,64	crescente	0,002
Faixa etária até 4 anos	50,45	9 a 107,7	crescente	0,021
Faixa etária 5-9 anos	13,04	-40,72 a 115,58	estacionária	0,659

Faixa etária 10-19 anos	8,54	4,01 a 13,26	crescente	0,003
Faixa etária 20-39 anos	5,47	2,06 a 9	crescente	0,007
Faixa etária 40-59 anos	11,6	3,61 a 20,21	crescente	0,012
Faixa etária 60 anos ou +	-11,27	-26,3 a 6,8	estacionária	0,165
Taxa de violência sexual	19,5	4,85 a 36,26	crescente	0,016
Faixa etária até 4 anos	33,44	13,07 a 57,5	crescente	0,005
Faixa etária 5-9 anos	9,35	-5,18 a 26,12	estacionária	0,176
Faixa etária 10-19 anos	22,45	6,18 a 41,22	crescente	0,013
Faixa etária 20-39 anos	14,82	-18,56 a 61,9	estacionária	0,363
Faixa etária 40-59 anos	31,7	12,67 a 53,95	crescente	0,006
Faixa etária 60 anos ou +	3,61	-26,06 a 45,21	estacionária	0,805
Taxa de violência sexual e física	6,02	-7,36 a 21,35	estacionária	0,330
Faixa etária até 4 anos	3,97	-19,54 a 34,38	estacionária	0,723
Faixa etária 5-9 anos	17,44	-28,41 a 92,7	estacionária	0,457
Faixa etária 10-19 anos	2,45	-9,82 a 16,41	estacionária	0,659
Faixa etária 20-39 anos	-5,44	-30,88 a 29,33	estacionária	0,677
Faixa etária 40-59 anos	16,76	1,09 a 34,88	crescente	0,039
Faixa etária 60 anos ou +	2,65	-20 a 31,73	estacionária	0,805

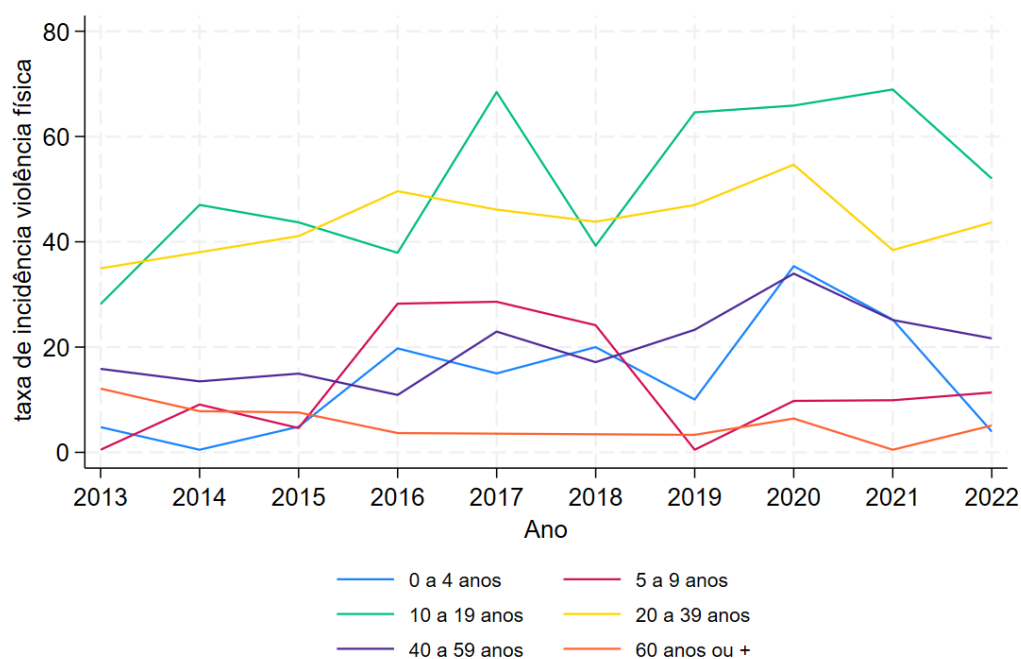
\* significante estatisticamente./Fonte: Próprio dos autores (2024).

Figura 1 – Tendência das taxas de incidência de violência física, violência sexual e violência física/sexual e, mulheres, Porto Nacional – TO, 2013-2022.



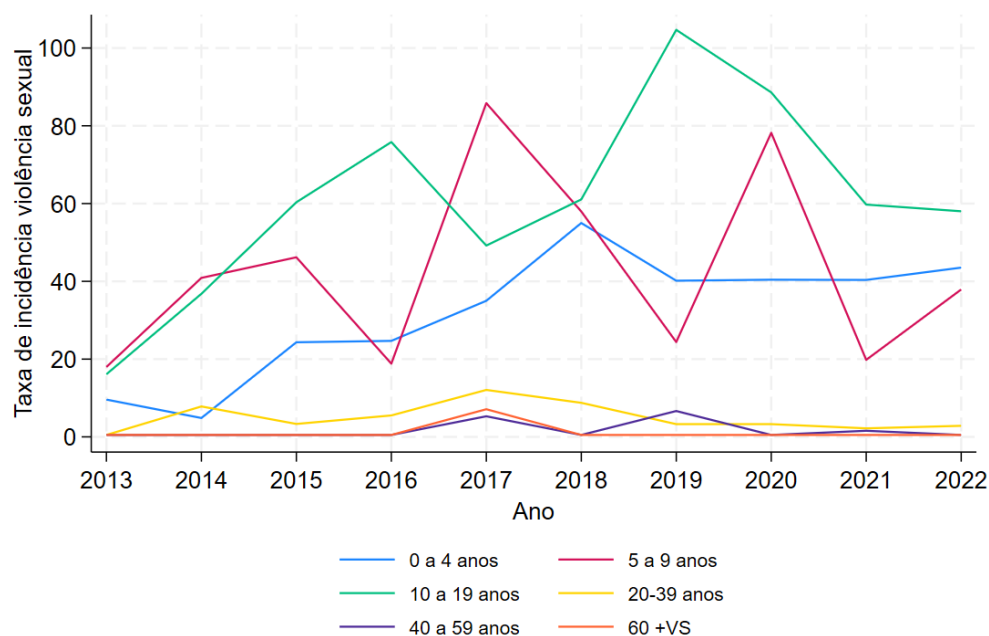
Fonte: Próprio dos autores (2024).

Figura 2 – Tendência das taxas de incidência de violência física, em mulheres, por faixas etárias, Porto Nacional – TO, 2013-2022.



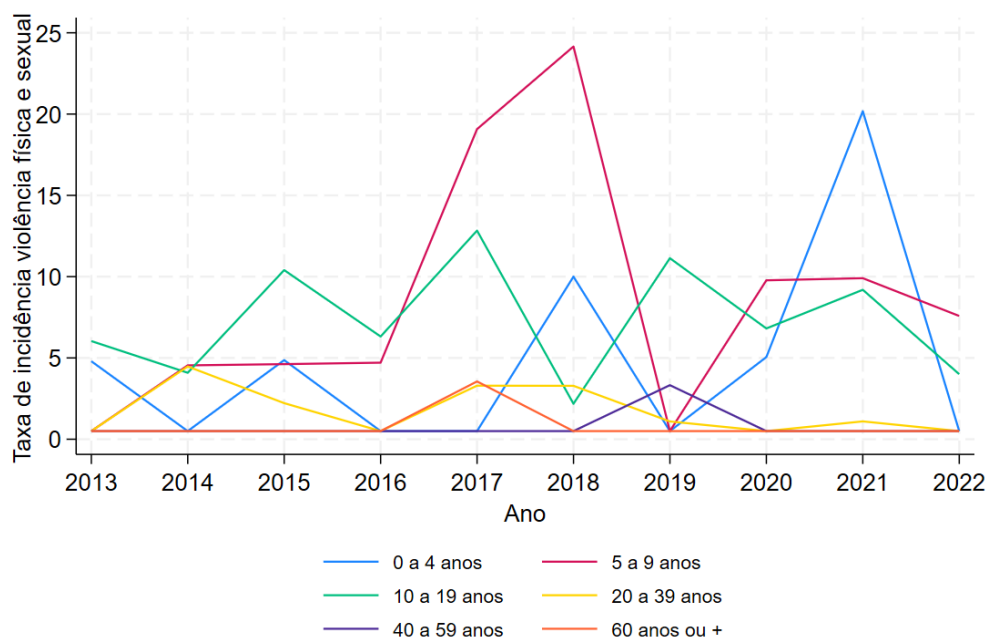
Fonte: Próprio dos autores (2024).

Figura 3 – Tendência das taxas de incidência de violência sexual, em mulheres, por faixas etárias, Porto Nacional – TO, 2013-2022.



Fonte: Próprio dos autores (2024).

Figura 4 – Tendência das taxas de incidência de violência física e sexual, em mulheres, por faixas etárias, Porto Nacional – TO, 2013-2022.



Fonte: Próprio dos autores (2024).

Analisando apenas o período de 2013 a 2020 (pré-pandemia) observou-se a tendência crescente das taxas de incidência da violência física, sexual, física e sexual, sendo a violência física a mais significativa em termos quantitativos.

#### 4 DISCUSSÃO

A análise dos dados revelou que a violência afeta predominantemente meninas e mulheres jovens, especialmente aquelas entre 10 a 19 anos, com a violência física concentrada entre mulheres de 20 a 39 anos. Mulheres que se identificaram como pardas foram as mais afetadas em todos os tipos de violência. A residência foi identificada como o principal local de ocorrência, seguido por vias públicas. Os casos de violência se intensificaram em 2020, coincidente com a pandemia de COVID-19. A violência sexual apresentou seu pico em 2019, enquanto a violência física mostrou uma tendência de crescimento significativo, particularmente nas faixas etárias mais jovens, como 0 a 4 anos, e adolescentes. Esses achados evidenciam a vulnerabilidade de certos grupos etários e a persistência do problema em diferentes contextos, sugerindo a necessidade de políticas públicas específicas para enfrentamento e prevenção.

Em estudo transversal, foram incluídas mulheres em idade reprodutiva, que já foram casadas e relataram ter sofrido violência sexual, sendo identificada 33% menores chances de mulheres entre 25 e 35 anos sofrerem violência sexual, em relação às mulheres de 15 a 24 anos. De forma semelhante,

o presente estudo permitiu identificar uma tendência crescente nas incidências de violência sexual em mulheres jovens, até 4 anos e entre 10 e 19 anos, sendo estacionária na faixa de 20 a 39 anos (Mekuria Negussie, Yohannes et al., 2024).

Neste estudo, verificou-se que a violência física (VF) foi o tipo mais prevalente, correspondendo a 41,31% dos casos em 2020, coincidindo com o início da pandemia de COVID-19. De forma similar, Belloli et al. (2024) também identificaram a predominância da violência física (20,56%) em Pato Branco, Paraná, delimitando uma predominância do tipo de violência física em ambos os estudos. Este artigo evidenciou uma tendência preocupante de aumento na violência física cometida por parceiros íntimos, representando um percentual significativo dos casos, demonstrando que o cônjuge foi responsável por 33,47% das agressões. Tal fato é reproduzido, também, na incidência da violência contra mulher em Porto Nacional, entre 2013-2022, sendo a residência o principal local de ocorrência, em 65% dos casos, sendo as pessoas íntimas as principais responsáveis pelas agressões.

As semelhanças entre os contextos regionais mostram que, embora geograficamente distintas, as dinâmicas de violência física contra a mulher seguem padrões similares, reforçando a necessidade de intervenções específicas para combater esse tipo de violência em ambientes domésticos.

De acordo com o presente estudo, a violência física (VF) contra mulheres em Porto Nacional-TO representou 48% das notificações, com uma tendência crescente nos últimos anos, especialmente no grupo etário de 20 a 39 anos, que apresentou uma taxa de incidência de 4.131% em 2020. Um padrão semelhante foi identificado por Costa Leite et al. (2023), que analisaram a violência no Espírito Santo e constataram que 54,1% dos casos notificados entre 2011 e 2018 foram de violência física, predominando no grupo de 20 a 59 anos, com 79,6% das notificações. Esses achados reforçam a prevalência da VF entre as mulheres em idade reprodutiva, sugerindo que a vulnerabilidade nesse grupo etário está relacionada ao contexto socioeconômico e ao relacionamento com parceiros íntimos, como evidenciado tanto em Porto Nacional quanto no Espírito Santo.

Conforme os resultados de Sartori (2023), observa-se uma tendência crescente da violência na região Norte, especialmente a violência física. Os resultados do presente estudo indicam um aumento significativo nos casos de violência contra crianças, incluindo violência sexual e negligência. Este crescimento acompanha uma tendência nacional que demonstra que o Norte também tem índices elevados de violência doméstica e familiar, com destaque para a população feminina, especialmente entre mulheres negras. A região mostra-se vulnerável a esses tipos de violência, e esse cenário pode estar relacionado a fatores socioeconômicos e de desigualdade social que impactam as comunidades

locais. Esses achados reforçam a necessidade de políticas públicas mais efetivas para lidar com a violência na região, em especial a violência física contra grupos vulneráveis.

Conforme analisado por Aragão (2022), houve uma tendência crescente nas notificações de lesões autoprovocadas, especialmente no sexo feminino, entre 2011 e 2018. Os dados indicam que as taxas de notificação dessas lesões entre as adolescentes no ambiente escolar aumentaram significativamente, com uma variação percentual anual (APC) de 66,0% para o sexo feminino. O presente estudo confirma essa tendência de crescimento, corroborando os achados dos autores de que as adolescentes são mais vulneráveis a esse tipo de violência. Além disso, o aumento das notificações a partir de 2016 pode estar relacionado com a inclusão da violência autoprovocada como um agravo de notificação compulsória no Brasil, o que aprimorou a detecção e a qualidade das notificações.

Embora López (2022) tenha enfatizado uma tendência crescente de todos os tipos de violência em todas as faixas etárias, os dados deste estudo revelam uma realidade distinta na região local analisada. Há uma tendência predominantemente estacionária para a violência física e sexual em várias faixas etárias ao longo do período avaliado. Por exemplo, a taxa de violência física na faixa etária de 20-39 anos apresentou uma tendência estacionária (APC 2.04, IC 95% -1.39 a 5.59,  $p=0.210$ ), enquanto a faixa etária de 60 anos ou mais mostrou uma tendência decrescente significativa (APC -17.86, IC 95% -23.9 a -11.35,  $p<0.001$ ). Esses achados sugerem que, ao contrário do observado em outros contextos, a violência física e sexual em nossa localidade não segue a tendência de aumento generalizado descrita por Salazar Lopes.

Embora o estudo tenha revelado algumas tendências estacionárias para a violência em determinadas faixas etárias, esse cenário ainda é motivo de preocupação, pois reflete problemas estruturais. De acordo com estudo de García-Moreno et al. (2013), a violência contra mulheres é um fenômeno globalmente difundido que está intimamente ligado a normas culturais e desigualdades de gênero. Esse estudo destaca que a implementação de políticas de prevenção e a capacitação de sistemas de apoio são cruciais para a redução efetiva desses índices. Portanto, mesmo que os dados do presente estudo não indiquem tendências de crescimento significativas em todas as categorias, a manutenção de taxas estacionárias deve ser interpretada como um sinal de que intervenções mais eficazes e abrangentes são urgentemente necessárias para combater essa violência de maneira sustentada.

O estudo revelou um aumento significativo nos casos de violência física contra as mulheres durante o período da pandemia de COVID-19. Em 2020, o ano em que a pandemia se iniciou, foi registrada a maior incidência de violência física, correspondendo a 41,31% do total de casos notificados no período analisado. Esses achados corroboram a pesquisa de Aolymat (2021), que

investigou o impacto da pandemia na violência doméstica contra mulheres na Jordânia e constatou um aumento significativo dos casos (20,5%).

Esse crescimento pode estar associado a fatores como o estresse e a sobrecarga emocional decorrentes da crise sanitária, que podem ter intensificado conflitos e tensões no âmbito familiar. Esse quadro também ratifica os achados do estudo em Porto Nacional-TO que evidenciaram o predomínio da residência como local de ocorrência da violência. Tal cenário reforça a necessidade de políticas públicas efetivas para prevenir e enfrentar a violência contra a mulher, especialmente em momentos de crise social e econômica, quando os casos tendem a se elevar.

## **5 CONCLUSÃO**

Os dados apresentados no estudo revelam uma prevalência significativa da violência física e sexual contra o sexo feminino no município de Porto Nacional-TO entre 2013 e 2022, com destaque para o aumento de casos durante a pandemia de COVID-19. A faixa etária mais vulnerável à violência física foi a de 20 a 39 anos, enquanto a violência sexual foi mais prevalente entre jovens de 10 a 19 anos. As mulheres que se identificaram como pardas também foram as mais afetadas por todos os tipos de violência.

Embora as taxas de violência física tenham mostrado tendência de crescimento, especialmente entre as faixas etárias mais jovens, a violência sexual permaneceu estacionária em algumas faixas etárias, o que é alarmante, já que idealmente tais índices deveriam apresentar tendência decrescente. Esses achados reforçam a importância de políticas públicas mais efetivas para prevenir e combater a violência contra a mulher, especialmente em ambientes domésticos, que se mostraram o principal local de ocorrência dos casos.

O estudo contribui para a construção de bases científicas que podem apoiar a formulação de estratégias de saúde pública direcionadas à proteção das mulheres e à prevenção da violência de gênero, destacando a necessidade urgente de reforçar as notificações e intervenções em períodos de crise, como a pandemia. A permanência ou aumento das taxas de violência física e sexual reforça a urgência de ações mais eficazes, com foco nas populações mais vulneráveis, como jovens, pardas e aquelas com baixa escolaridade.



## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, José Leopoldo Ferreira; CARDOSO, Maria Regina Alves. Uso da análise de séries temporais em estudos epidemiológicos. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 24, p. 565-576, 2015.
- AOLYMAT, Iman. A cross-sectional study of the impact of COVID-19 on domestic violence, menstruation, genital tract health, and contraception use among women in Jordan. *The American journal of tropical medicine and hygiene*, v. 104, n. 2, p. 519, 2021.
- ARAGÃO, C. DE M. C. DE .; MASCARENHAS, M. D. M.. Tendência temporal das notificações de lesão autoprovocada em adolescentes no ambiente escolar, Brasil, 2011-2018. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 31, n. 1, p. e2021820, 2022.
- BELLOLI, Maria Grazieli; DOS SANTOS, Vitória Kaoana Alves; DE BORTOLI, Cleunir De Fátima Candido. Estudo retrospectivo do perfil dos casos de violência contra a mulher. *Journal of Nursing and Health*, v. 14, n. 2, p. e1426804-e1426804, 2024.
- BLAY, Eva Alterman. Violência contra a mulher e políticas públicas. *Estudos avançados*, v. 17, p. 87-98, 2003.
- COSTA LEITE, Franciéle Marabotti et al. PHYSICAL VIOLENCE AGAINST WOMEN IN ESPÍRITO SANTO. *Ciencia, Cuidado e Saude*, v. 22, 2023.
- DE MATOS LESSA, Leticia; DA SILVA, Lorena Maria. Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. *Simpósio Gênero e Políticas Públicas*, v. 5, n. 1, p. 341-354, 2018.
- ENGEL, Cíntia Liara. A violência contra a mulher. 2020.
- GARCÍA-MORENO, Claudia et al. Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence. World Health Organization, 2013.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/porto-nacional/panorama>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- KRUG, E. G. (Ed.) et al. World report on violence and health. Geneva: World Health Organization, 2002.
- LIMA-COSTA, Maria Fernanda; BARRETO, Sandhi Maria. Tipos de estudos epidemiológicos: conceitos básicos e aplicações na área do envelhecimento. *Epidemiologia e serviços de saúde*, v. 12, n. 4, p. 189-201, 2003.
- LÓPEZ, María Esther; et al. Tendência crescente da violência nas diversas faixas etárias. *Revista Brasileira de Saúde*, v. 32, n. 2, p. 105-120, jun. 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1508745>. Acesso em: 16 out. 2024.
- MEKURIA NEGUSSIE, Yohannes et al. Factors associated with sexual violence against reproductive-age women in Ghana: A multilevel mixed-effects analysis. *PloS one*, v. 19, n. 10, p. e0311682, 2024.

OMS; KRUG, Etienne G. Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

PANEQUE, Flávio Cotrim; GUIMARAES, Roberta Tania. Violência doméstica. Direito, Negócios & Sociedade, v. 2, n. 3, p. 49-68, 2022.

SARTORI, L. R. M. et al. Notifications of physical, sexual and emotional violence and neglect against children in Brazil, 2011-2019: an ecological time-series study. Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 32, n. 3, p. e2023246, 2023.